

ENSINO E PESQUISA ENQUANTO PROFISSÃO: O EXEMPLO DE UM ARTÍFICE

*Liliana P. Segnini**

*Professora titular na Faculdade
de Educação da UNICAMP.

*Honrar um pensador não é elogiá-lo, nem mesmo
interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o,
dessa forma, vivo, e demonstrando em ato, que ele
desafia o tempo e mantêm sua relevância*
(Cornelius Castoriadis)

O educador Fernando Cláudio Prestes Motta exerce a profissão professor-pesquisador, mantendo, mesmo no âmbito do trabalho assalariado, vínculos com as corporações de ofício, tal como foram analisadas pelo historiador Jacques le Goff.

Naquele momento histórico, o trabalho era considerado uma arte, fosse liberal ou mecânica, portanto realizada por artistas, artesãos, intelectuais, trabalhadores manuais. Arte organizada em torno de regulamentos que procuravam garantir formação profissional, qualificação daqueles que percorressem os restritos espaços dos ofícios. Para tanto, dois aspectos eram considerados fundamentais:

Em primeiro lugar, cumprir as exigências necessárias à obtenção da autorização, pelos pares, para o exercício do ofício, do *métier*. Exercer a profissão, consciente de que sua arte deve estar a serviço do bem comum era então a segunda condição *sine qua non*. Para tanto, realizava-se ‘profissão de fé’, consumada nas cerimônias e rituais e expressa no cotidiano do trabalho. A profissão de fé está na origem do exercício das profissões e é ainda um ritual relevante ao término da formação profissional. No entanto, no presente

momento histórico, a lógica do mercado impregna fortemente as relações sociais; somos partícipes de uma sociedade que exacerba o individualismo. Há exceções, pois a predominância de valores mercantis não deve ser compreendida como vulgata generalizadora. Fernando Motta representa uma das privilegiadas exceções, mestre que revela em seu cotidiano a importância social do seu trabalho. Os temas de pesquisa e de ensino por ele selecionados traduzem essa preocupação.

Para melhor justificar essa afirmação, recorro à privilegiada condição de amigo, que pode com ele compartilhar as preferências estéticas.

Fernando é um grande admirador do movimento artístico denominado *Art Nouveau* e entre essa preferência estética e sua obra existe um diálogo, uma aproximação, uma afinidade eletiva. Para elaborar essa relação, consultei Giulio Carlo Argan. Sociologicamente, *Art Nouveau* representa um movimento inédito e complexo na história da arte, observado nos países europeus e americanos que detinham, naquele momento histórico – fim do século XIX e início do XX –, um elevado grau de desenvolvimento industrial. Inscreve-se, portanto, no processo de industrialização daquele período: na expansão do ferro e do vidro, no fortalecimento das grandes indústrias e organizações.

Na história econômica da civilização industrial, o movimento *Art Nouveau* significa a expressão máxima do fetichismo da mercadoria observado nos mais diversos espaços e suportes: urbanismo, edifícios, fábricas, móveis, objetos de decoração, nas artes aplicadas, no vestuário, nos ornamentos pessoais, nos espetáculos. Trata-se de um movimento cosmopolita e urbano, que expressa a crença segundo a qual toda a comunidade precisa de arte. Qual comunidade, qual sociedade? A hierarquia é um dos elementos constitutivos do *Art Nouveau* a expressar o poder de uma burguesia moderna, determinada, entusiasta em relação ao progresso industrial. Nesse sentido, a alta burguesia detém os modelos, os arquétipos realizados pelos artistas e artesãos da melhor qualidade, com os melhores materiais. A média e pequena burguesia consome produtos esteticamente semelhantes, mas fabricados em série, com materiais de qualidade inferior, banalizados. A precária condição da classe trabalhadora nascente, coluna vertebral do progresso tecnológico, e sua crescente alienação são dissimuladas no movimento *Art Nouveau*, analisa Argan.

Fernando enfoca em sua obra as relações sociais no interior das grandes organizações que crescem, multiplicam-se e se expandem a partir do fim do século XIX e início do XX. Pesquisas por ele realizadas há mais de 30 anos enfocam as relações de poder, dominação e exploração nesses contextos. A interdisciplinaridade foi o enfoque metodológico privilegiado para mobilizar a história, a sociologia, a antropologia, a psicologia e a psicanálise, cumprindo assim sua profissão de fé na arte de ser um educador, professor, pesquisador, “desconstruir o poder, revelar o homem nas organizações, no contexto da sociedade industrial, cosmopolita.” Portanto, sua obra revela o mesmo momento histórico do *Art Nouveau*, que tanto aprecia esteticamente, mas explicita o que foi dissimulado por esse movimento: as desigualdades e assimetrias, as hierarquias, a busca do homem em suas múltiplas dimensões (culturais, psíquicas, corporais).

Por essas razões e tantas outras vinculadas ao caráter do homem Fernando Motta, é que Maurício Tragtenberg terminou seu memorial apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP, para se submeter ao concurso de Professor Titular, afirmando: “Concluindo, penso que um professor que consegue fecundar uma obra como a de Fernando Prestes Motta, conseguiu seu objetivo. Isso porque, segundo os clássicos chineses, influenciar é ter poder”.

E esse mesmo poder, o de influenciar pela relevância de suas pertinentes perguntas formuladas à nossa sociedade e organizações e pela elaboração de respostas complexas fecundadas por uma reflexão crítica, Fernando continua exercendo, influenciando colegas, entre os quais me incluo, e as novas gerações, seus leitores, alunos, orientandos e amigos.

Para terminar, relembro, corrigindo, o ditado popular: “atrás de um grande homem existe uma grande mulher”. Não é esse o caso de Fernando: ele teve o privilégio de ter a seu lado, nunca atrás, Cristina, uma grande mulher. Por essa razão, quero também explicitar minha homenagem a ela, presente em toda essa trajetória, enriquecendo-a.